

CONHECER PARA ESQUECER. A IDENTIDADE E OS CAMINHOS PARA A MEMÓRIA:  
PERSPECTIVAS NETZSCHIANAS SOBRE A IDENTIDADE E O ESQUECIMENTO COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA MEMÓRIA NO LOCUS SOCIAL.

Ricardo Medeiros Pimenta

Mestrado de Memória Social, UNIRIO

- Bacharel em História pela UGF; Especialização em História do Brasil pela UCAM
- Mestrando do curso de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Unirio
- E-mail: ricardo.pimenta@gmail.com

Resumo:

Este trabalho traz em seu corpo um breve ensaio acerca das problemáticas referentes a construção e manutenção da identidade enquanto um processo dinâmico de re-construções baseadas na memória e no esquecimento. Assim, consideramos como agente formador de uma coletividade social e de uma estigmatização do outro e do próprio "eu" a construção identitária, a partir de uma perspectiva nietzschiana, como um instrumento do homem para si.

Neste interem, são as ações indissociáveis da memória e do esquecimento no processo de conhecimento do mundo e do próprio "eu" que se tornam a força motriz capaz de infligir à identidade, seja ela individual ou coletiva, suas formas e cores. Partimos da idéia que, é no outro que nos encontramos. É no ato de dar nomes, que diferenciamos, e tornamos concreto o "perímetro" de nossas próprias formas e significados que julgamos pertencer.

Palavras-chave: Identidade, Memória, Nietzsche.

Abstract:

This work brings in its body a briefing assay concerning problematic referring the construction and maintenance of the identity while a dynamic process of reconstructions based on the memory and the oblivion. Like this, we consider it as a building agent of a social collectivity and stigmatization of the "other" and of the own "me". In that way, the construction of identities, based on Nietzsche's perspective, became an instrument of the man for itself.

The indivisibles actions of the memory and forgetfulness in the own discovery process of the world and of the own "me", turn themselves the driving force capable to inflict on identity, no matter it is individual or collective, their own forms and colors. We start from the idea that, it is in the other that we build ourselves. It is in the action of giving names that we differentiated, and turn solid the "perimeter" of our own ways and meanings that we judged to belong.

Key words: Identity, Memory, Nietzsche.

## I - Introdução:

Este trabalho se apresenta como um breve ensaio às problemáticas acerca da identidade como agente formador de uma coletividade social e de uma estigmatização do outro; ou ainda, de si mesmo enquanto atuante de um processo pretérito, pela memória.

Assim, a identidade mostra-se por vezes indissociável ao exercício da memória coletiva e individual. Memória esta que se desdobra em diversos momentos - com relevante congruência ao conhecimento humano - os quais, explicitado por Nietzsche, também apresentam-se como “faceta” da identidade que o formata.

A identidade se mostra, dentro de uma perspectiva nietzschiana, como um instrumento do homem para si. E o uso da mesma é, senão, uma ação com o objetivo de capturar e conceituar a si mesmo, bem como o outro.

O que dizemos é que, através da ação identitária, conceituamos os outros - entendendo estes não só como os humanos, mas sim todo o mundo que nos cerca e interage com nossas próprias ações - e, por conseguinte a nós mesmos.

Assim, esta possível ação identitária aproxima-se muito mais da idéia de nomenclatura. O ato de nomear os objetos e as coisas, assim como exposto outrora por Nietzsche, esteve intimamente ligado à existência do homem e da sociedade no processo civilizatório, organizacional, ideológico e cultural humano. Uma fértil exemplificação é apresentada por Maria Eugenia de La Roca Tavares em “A fidelidade a terra” pela metáfora da “teia de aranha”:

“Não procedemos de maneira muito diferente da aranha, quando tece a teia para caçar e sugar as presas. (...) Nós, conhecedores, pretendemos exatamente o mesmo (...) como que fixando e determinando. Fazemos assim um rodeio que nos reconduz à nós mesmos, às nossas necessidades.”

Assim como a aranha, ele é - o homem - um nomeador e um diferenciador das coisas no mundo. Dessa forma, tornar-se-ia perceptível que nossas necessidades sociais de reconhecimento e pertencimento a um espaço, tempo, grupo ou ação, estariam em comunhão com o nosso próprio conhecimento e capacidade de mantê-lo ou moldá-lo; ou seja, de poder através das “teias” de uma Memória enquanto social, vivermos com o que fora “capturado” por nós mesmos ou pelo grupo cultural, político, religioso, social, ao qual pertencemos.

O conhecimento, também constituído pela “roupagem” da erudição e da educação na sociedade contemporânea, não deixa de estar preso pelas “teias” nomeadoras e mnemônicas que nós mesmos construímos - seja individualmente ou coletivamente. Este mesmo conhecimento é parte de uma cultura; e adquire assim uma instância de “preciosidade” a qual é constantemente explorada no processo constitutivo das identidades. Como já dito outrora: “(...) Nosso tesouro está onde se assentam as colméias do nosso conhecimento. (...)”.

São através destes “tesouros” que grupos e indivíduos constroem a si mesmos - e por esta visão - compondo suas identidades. Ademais, o conhecimento do passado - muito veiculado pela memória e oralidade, entre outros meios de expressão - pode também se apresentar como ferramenta utilíssima à “tradicionalização” de costumes, cultura, religião, ou quaisquer outros meios ideológicos que os regem. De fato, um dos caminhos traçados pela identidade para seu exercício é justamente uma ida, ou volta, à memória. Pois se encontra nela o instrumental para o que “nós” ou “eles” possamos nos “identificar” como que pertencentes.

Além disso, esta busca mostra a “diferença” como condição sine qua non à construção do grupo, nação, religião, ciência, ou seja, das plurais “esferas” sócio-políticas, religiosas e culturais nas quais todos nos encontramos.

II - O conhecimento como parte da Memória na construção das identidades.

Ao falar da construção de uma identidade, dever-se-ia atentar mais para o papel da memória enquanto uma ação de ratificação ou de reação posta pelo homem. A Memória - pois ela, assim como a identidade, é também construída e ratificada nas ações do homem - se mostra como uma “chave” para o desenvolvimento das práticas humanas. Relacionada ao conhecimento, às ações políticas, à tradição, e à cultura como um todo, a Memória mostra-se atuante tanto na base destes meios de ação humanos, quanto os atravessa, possibilitando a construção e manutenção dos mesmos.

“(…) a força do conhecimento não está no seu grau de verdade, mas na sua antiguidade, no seu grau de incorporação, em seu caráter de condição de vida. (...) O conhecimento se tornou então parte da vida mesma e, enquanto vida, um poder em contínuo crescimento (...)”.

E é nessa antiguidade, na manutenção de uma memória, então, usada pelos atores de um dado contexto espacial e temporal, e através de uma “linguagem” - ou seja, uma codificação instituída - comum àquele grupo que se delineiam não só as práticas identitárias, como suas relações de poder; onde a palavra pode então ser tanto um “escudo” quanto uma “flecha”. Através dela, que os grupos sociais defendem sua memória e fortalecem sua alteridade - buscando assim a mesma “energia” que lhes dá poder, e lhes confere uma identidade.

A identidade mostra-se, assim, intimamente ligada a essa adequação ao espaço e ao grupo que se quer atingir. Se o conhecimento, a ciência e as explicações são criações, construções do homem, a identidade não deixa de mostrar-se como conhecimento e conseqüentemente construção de si ou do outro?

A identidade então é leitura, interpretação, imagem, aparência, construção; até obstáculo, proteção ou “camuflagem”.

“(…) esquecemos com facilidade que, aos olhos desconhecidos que nos vêem pela primeira vez, somos algo bem diferente daquilo que nos consideramos: em geral, não mais que uma particularidade que salta aos olhos, e que determina a impressão. Assim, o homem mais gentil e ponderado, se tem um grande bigode, pode como que sentar-se à sombra dele, e sentar-se tranqüilamente - os olhos comuns verão nele o acessório de um grande bigode, ou seja: um tipo militar, facilmente irritável, por vezes violento - e se comportarão de acordo com isso diante dele”.

Observando tal questão, seria cabível considerar a identidade como uma “marcação” cuja presença na sociedade complexa dar-se-ia por ela mesma. Um reflexo do conhecimento do outro, e em contrapartida de si mesmo, por vezes tradicionalizado e balizado pela memória de seus portadores.

Assim como as pluralidades de “descrições” presentes no campo do conhecimento, também as identidades de grupos sociais ou de indivíduos, enquanto produtos do campo do conhecimento humano, estão sempre em construção e assim se mostrando plurais a todo o momento.

III - O esquecimento como prática da construção das identidades pela Memória:

Ainda ao tratarmos da identidade; considerando a questão do “conhecimento-memória” como meio de propagação da mesma, como incluir a ação do esquecimento como, também, um agente de seu próprio exercício? Pela ação do esquecimento o homem possibilita a si mesmo novas construções, assim como novas relações de coletividade, ou grupo.

O que dizemos, portanto, é que na “re-construção”, identitária e mnemônica, estaria presente o “dínamo” responsável pela vivência social do homem no tempo. Nietzsche explicita em Zarathustra que: “(...) O que é de grande valor no homem é ele ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem (...)”. Sendo assim, poder-se-ia considerar que é no esquecimento, nesta “re-construção” deflagrada pelo mesmo, que a memória deixaria de apenas “permear” a identidade, passando a direcioná-la, assim, recriando-a. Dessa forma, é na reconstrução feita pela memória - de algo que fora destruído, esquecido, apagado ou descaracterizado como pertencente daquela identidade ou daquele conhecimento do grupo ou do indivíduo - que o homem se refaz. Buscando a si mesmo, ele se “re-produz” no tempo e na significação de si e das coisas.

Haveria uma congruência, desta forma, das ações de construções do homem enquanto ator social - de suas identidades e de seus conhecimentos - com a concepção do “eterno retorno” nietzschiano? Afinal, se a própria natureza cíclica da memória proporia esta congruência, o esquecimento não seria então - como dito anteriormente -, um “dínamo” desta ação?

Considerando, dessa forma, o esquecimento enquanto “símbolo” do retorno do homem na construção da memória e de sua própria identidade, sempre passível de mudanças internas ou externas, poderíamos finalmente chegar a conclusão de que para o homem e para o grupo, é: “(...) surtout absolument impossible de vivre sans oublier”.

O esquecimento - aqui consideramos -, é parte do processo constitutivo do conhecimento não só do kosmos coletivo como individual. É ele - na fluência da Memória - a “ferramenta” de superação, de descongelamento, ou seja, de re-criação no campo da memória e da identidade.

Assim, o que vemos é que a identidade, enquanto um produto da memória, além de ser uma composição do homem é sobre tudo uma composição referente ao meio coletivo, ou seja, aos outros. A identidade diferencia; ela exclui para conglomerar. Ou seja:

“(...) Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe.”

Ou seja, a mesma, portanto, está implicada na própria memória de seu portador. Sem memória de si a identidade não tem fundamentos para se comportar no grupo ou no indivíduo. Sem memória de si não é possível identificar nem tão pouco diferenciar, não havendo assim, condições para exercer o poder - pois diferenciação e identificação, nas relações sociais são de fato vetores singulares nas relações de poder.

A questão é que esta Memória Social - não querendo rotulá-la no momento como sendo individual ou coletiva - é, pois uma construção do homem. E sendo assim, a identidade constrói-se e se desconstrói a todo o momento, e a toda relação implicada no locus social.

A Memória, assim como seu portador, é uma “passagem” de algo que se nutre na própria dinâmica de constantes re-construções e re-criações. Assim como Halbwachs explicita ser a memória coletiva uma formulação de imagens do grupo que a mantém:

“Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. (...) o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio”.

Nietzsche vê o processo de construção do homem como uma construção de imagens, as quais o homem estaria se reformulando, retornando a todo o momento. Exceto em momentos que ele explicitaria sua “potência”. A identidade se expõe como algo em constante mobilidade, enquanto o esquecimento - do qual consideramos aqui - uma divergência daquele indivíduo, ou grupo, de seu locus social, o qual passa a tornar-se pretérito e não pertencente mais à memória que o engendra. Sendo assim, é na não identificação de si mesmo ou com um determinado espaço social, que o homem se infere um novo, ou um já comum, caminho.

Ele só deixa de ter uma identidade no momento que possui outra, seja por sua autodenominação - e aí se entende que tenha havido um processo de autodiferenciação, ou não, da identidade pretérita; e, por conseguinte um processo de “desenraizamento” daqueles “quadros sociais” ao quais ele pertencia.

A identidade está posta então como algo inerente ao imaginário social e suas construções, sendo suas mobilidades constantes e diversas de acordo com as relações implícitas do homem e seu meio, através do esquecimento e da “construção” condicional que a memória apresenta.

#### Referências Bibliográficas:

BARRENECHEA, Miguel Angel. FEITOSA, Charles. PINHEIRO, Paulo. (orgs.) “A fidelidade à terra. Assim falou Nietzsche IV”. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALBWACHS, Maurice. “A Memória Coletiva”. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

NIETZSCHE, F. “Aurora”. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. “Assim Falou Zaratustra” São Paulo: Martin Claret, 2003.

\_\_\_\_\_. “A Gaia Ciência”. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. “Para Além do Bem e do Mal”. S/D.

\_\_\_\_\_. “Para a Genealogia da Moral: Uma polêmica”. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. “Comment le ‘Monde-vérité’ devint enfin une fable” In: Le Crépuscule des Idoles. ISBN: 2-08-070421-4. França, Paris: GT- Flammarion, 1985.

SILVA, Tomas Tadeu da. (org.) “Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos Culturais”. 3ª edição; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. “Réflexions sur l’oubli” In: Usages de l’oubli - Colloque de Royaumont, Paris: Seuil, 1988.